



5717 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPed (2019)
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

TIA, ESPERANÇA GARCIA SE ENCANTOU EM SEREIA ? O ECONTRO DAS HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS COM OS MITOS DE ANCESTRALIDADE AFRICANA

Cleuma Maria Chaves de Almeida - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

TIA, ESPERANÇA GARCIA SE ENCANTOU EM SEREIA ? O ECONTRO DAS HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS COM OS MITOS DE ANCESTRALIDADE AFRICANA

RESUMO

O trabalho constitui resultado parcial da tese que objetiva compreender e conhecer processos de descolonização na da educação infantil do município de Chapadinha-MA, em diálogo com narrativas literárias infantis sobre heróis/heroínas negras. É o encontro de duas personagens - Esperança Garcia e a Sereia Preta - que irá nortear as reflexões aqui apresentadas. Esperança Garcia é a personagem do livro de literatura infantil "Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta" (ROSA, 2012). A sereia preta é parte da ilustração do livro. A existência das duas é esticada pelos conhecimentos cotidianos e pelos mitos da ancestralidade africana do contexto literário d espaçotempo do cotidiano da escola e comunidade vivenciados pelas crianças. Questões pensadas na metodologia do mergulho elaborada no ventre deste trabalho a partir das concepções de Anzaldúa (1987) e da ideia de cronotopo Bakhtin (1993).

Palavras-chave: Mitos da ancestrais. Corpo feminino. Oralidade. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

Na Ilíada de Homero, Ulisses vence em suas aventuras no mar, porque é um homem dotado de racionalidade humana. Não sucumbe à voz das sereias e "com isso conquistou o controle racional da natureza interna e externa" (QUINTO, 2005, p.162). O mar, como voz, é uma grande boca que traga navios e tripulação para suas profundezas, e suas entranhas escuras são lugar do desconhecido. Por isso ele é destruidor: é o inimigo, é o outro. Essa é uma das fabulações^[1] que o Ocidente faz a respeito do desconhecido que ele buscava dominar. É nesse processo metafísico de pensamento que o medo perde o fascínio e vira apenas horror, engendrando a justificativa do aniquilamento e/ou da objetivação do outro. "[...] constituindo o outro não como *semelhante a si mesmo*, mas como objeto propriamente ameaçador, do qual é preciso se proteger, desfazer, ou o qual caberia simplesmente destruir, na impossibilidade de assegurar seu controle total" (Mbembe 2018, p. 27).

A não escuta do outro, daquele que não conheço e a imposição da minha verdade sobre ele me faz racional? Para Kafka (2017), mais terrível que o canto é o silêncio das vozes das sereias. O silenciamento do outro, do desconhecido. Ao encontrar com elas, Ulisses expõe sua ignorância, e não a sua supremacia racional.

Segundo o autor (2017, p. 02 e 03):

[...] quando Ulisses chegou, as potentes cantoras não cantaram, fosse porque criam que a esse adversário só o silêncio poderia arrebatar, fosse porque a aparência de felicidade, estampada na face de Ulisses, que só pensava na cera e nas cadeias, as fizera esquecer todo o canto. Mas Ulisses, por assim dizê-lo, não escutou seu silêncio; acreditava que cantavam e só ele estava isento de ouvi-lo; [...]

Kafka (2017) questiona a razão dos seus antepassados ocidentais ao elaborar uma resposta literária a Homero em "O silêncio das sereias". Segundo Kafka, foi o silêncio, o nada, que foi ofertado ao herói grego, pois as sereias nunca cantaram. E Ulisses não soube discernir, pois só acreditava na surdez, nas ceras que tampavam seus ouvidos. E a arte que vinha da boca das sereias lhe escapou. Ele mais nada soube delas além do que pouco pensa que ouviu. Mbembe (2018, p. 31) complementa "Ao apresentarem como reais, certos e exatos fatos muitas vezes inventados, escapou-lhe justamente o objeto que buscavam apreender, mantendo com ele uma relação imaginária, mesmo quando sua pretensão era desenvolver saberes destinados a apreendê-lo objetivamente".

A ideia ocidental nasce jugando-se imaterial, e passa a ignorar que a ciência acontece na interação do corpo com o mundo. A palavra é a manifestação da ideia, que não está contaminada com os interesses e orifícios do corpo. E como destaca Mbembe (2018, p. 32), "O mundo das palavras e dos signos autonomizou-se a tal ponto que não se tornou apenas uma tela para a apreensão do sujeito, de sua vida e das condições de sua produção, mas uma força em si, capaz de se libertar de qualquer vínculo com a realidade".

Trata-se da palavra abstrata do velho mundo, forjando uma cultura universal e verdadeira de base branca, cristã, masculina e europeia, que contribuiu para seu enriquecimento e exaltação histórica e cultural. A razão e a cultura sustentando desigualdades, violência e dominação com uma soma de palavreados descolados do tempoespaço que habitam.

Mas os corpos paridores de novas palavras teimam em existir e se reproduzir, preenchendo espaçotempos de palavras

outras carregadas de sentidos e identidades, para continuarem sendo apreciadas pela boca que diz e pelo ouvido que ouve, e guardadas pelo ventre que gestas outras filhas destas. Novas e velhas palavras enunciadas pelos corpos de infância no espaço da cultura letrada, a escola. Crianças que, com teimosia corporal/oral, dizem quem são e de onde vem, comunicando sua cultura sua ancestralidade negra. É nesse processo de interação que as crianças maranhenses enunciam possibilidades outras de refletir o ser/estar criança no mundo, resistindo, assim como nossos antepassados, à imposição da visão homogênea do ser, e fazendo contexto para políticas públicas educacionais que atendam às suas identidades. Como colocam Arroyo e Silva (2012, p. 15), esse processo “Exige outra produção teórica, outras práticas pedagógicas, outras epistemologias construídas com referência às expectativas subjetivas e coletivas vividas na especificidade desses contextos.

São as enunciações das crianças sobre o minúsculo corpo preto da sereia, aparentemente sem história escrita, que irão dar forma e movimento para este trabalho. A percepção de corpo no mundo ligando crianças ao minúsculo corpo preto da sereia. A existência da sereia preta e a espera de Esperança Garcia foram provocadas pela pluralidade das vozes infantis. Na sereia preta pulsava toda uma ancestralidade africana. E são as crianças que iniciam um movimento de busca e reconstrução da história da sereia e da continuação da vida de Esperança Garcia e do encontro com outros mitos femininos imbricados nessa relação. É depois no contexto da sala de educação infantil da escola Jardim Cirandinha do município de Chapadinha-MA no processo de contar e ler a história do livro “Quando a escrava esperança Garcia escreveu uma carta” (ROSA, 2012) que as crianças também fazem a sua leitura do livro e levanta as questões abaixo:

Meninas - Tia, tia, tia, tia !!!!

Eu - Oi, crianças, digam! Mas calma, uma de cada vez senão não OUÇO.

V.- Tia, “Olha tia, olha essa sereia, TIA!!

Eu - que sereia?

L. E. - Essa aqui, bem pequenininha, olha como é fofinha, é uma sereia negra! - As crianças me mostram (e, em tom eufórico) uma sereia negra no Oceano Atlântico, bem perto de São Luís do MA.

L e E. - Tia, ela é a esperança Garcia que se encantou?

V. - Ela se encantou em sereia, foi tia? Foi, TIA? Não foi, TIA?

Os meninos, ao verem o tumulto também se aproximaram da mesa, e começaram a participar da discussão

M. e T - Olha é uma sereia pequenita!- Tia, é a esperança Garcia que se encantou em sereia! Ela vai é afundar esse navio cheio de homi malvado. (tom irônico afirmativo)

S - Encantada é a mãe d’água!! Aí é a mãe d’água!

Eu - A mãe d’água? (tom de surpresa)

S - É tia, ela que vive nas águas! Meu tio já viu ela! Ela existe mermo, de verdade!

O som SE ENCANTOU deixou minha pele arrepiada. Me pôs no espaçotempo da minha infância, formada pelas histórias contadas por minha mãe, minha família materna de pescadores e a comunidade rural em que vivi no interior do Maranhão. Era a palavra “encantamento” ligando o existir da sereia preta à Esperança Garcia. Pelo encantamento, Esperança Garcia não morre. Na espera da resposta da carta que não chega, ela vive encantada nas águas. Ela se metamorfoseou num corpo de sereia e protege seu povo preto transportado nos navios negreiros. As crianças alargam a história da heroína. A morte não é o fim; é a metamorfose da carne em um elemento da natureza. Corpo e natureza se misturam, se imbricam, se alimentam e se reinventam. Segundo a pesquisadora maranhense Ferreti, a palavra “encantado” em refere-se “aos terreiros de Mina (de origem africana), e “[...] nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores e pajés” (200, p. 15), e:

Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos ou sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrasensorial, como alguns preferem denominar. [...] Apresentam-se a comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou invisível, que encantou-se. Embora que geralmente se afirma que tiveram matéria, os encantados não são conhecidos como espíritos de mortos. Pertencem a uma outra categoria de seres espirituais. (FERRETI,200, p. 15)

No Maranhão, nos salões de curadores e em alguns terreiros de Mina da capital maranhense, a mãe d’água é [...]mulher encantadas em poços e rios. [...]entidades espirituais, coboclas recebidas por um pajé ou um curador, classificadas como linha de água doce. (FERRETI 2000, p.47). Na cultura rural de Chapadinha-MA, o encanto da mãe d’água está na voz, mas, diferente das sereias que entoam melodias agudas, ela canta como as lavadeiras. São cantigas que as mulheres entoam durante o ritual de banhar[2] as crianças, de lavar roupa, ou outros movimentos de viver nas e com as águas.

Há outras cidades do Maranhão em que a encantadas são designadas como “entidades femininas metade peixe, metade mulher” (FERRETI 2000, p.47). Em Chapadinha, para a comunidade que vive o rio Munin, a encantada é narrada como mulher e/ou moça formosa, de cabelo longos e ondulados. Como conta Dona Elvira (vó de uma das crianças da Pré - II da escola Jardim Cirandinha.)

Elvira - Ah minha filha! Eu já fiz foi vê uma Mãe d’água. Passei foi uma tarde todinha com ela, ela me amostrando os canteiro dela! Ela é uma muézona muito da bonita.”

Pesquisadora - me diz como ela é, cabelos, altura!

Elvira - Ela não muito brancona, não! É assim quase da tua cor (apontando para mim), tem um cabelo grande, bate na bunda, e todo ondulado. Bem feita de corpo, quadril largo, cintura fina, ela não é muito altona também, não. Quem é altona é lemanjá. Essa é brancona, magra e tem os cabelos bem lisinhos e grandões também.

Pesquisadora - Você conhece lemanjá?

Elvira - Sei, mais ela não é daqui, não. Ela é lá das águas salgadas.

A construção estética dos mitos femininos está atrelada à concepção de belo de cada comunidade. A mãe d’água das águas Chapadinhense representa o que seria o ideal de beleza da moça ribeirinha, cabocla e mulata. Ideal também influenciado pela estética da literatura oral local: repentistas, cordelistas, boiadeiros, pontos de encantados dos terreiros, histórias de lavadeiras e de roceiros, pescadores dentre outras tantas estórias que ainda circundam o lugar.

2 A PALAVRA ANCESTRAL MERGULHANDO NO CORPO CARNE E SANGUE

O encantado significa a não morte. É pela encantaria que nossos heróis e heroínas são imortalizados. Eles se reintegram ao mundo, à natureza. Juntam-se ao vento, aos animais, à chuva, às árvores. É a esperança de esperar, de continuar a luta, a vida começada, de ampliar a ideia de vida e morte cunhada entre homens e mulheres, de fazer memória e existência em uma narrativa que mistura o real e o fantástico, não para o domínio do outro, mas para a si, para cunhar a própria identidade e existência.

A Esperança Garcia, sereia preta e mãe d'água se hibridizam, se encantam e representam as mulheres da zona rural e da periferia de Chapadinha-MA. Esperança Garcia não é a heroína dos romances de cavalaria, frágil e delicada. Ela é a heroína do cotidiano, com suas estratégias religiosas, argumentativas, de denúncia. Com suas cartas às escondidas, registrando história. É uma das vozes femininas negras na história brasileira. Ela é a sereia preta, é outras mulheres, muitas Esperanças Garcias, um grande corpo preto coletivo. É a mãe, cozinheira, mulher preta num sistema lucrativo escravagista, violento e assassino. Mulher arteira, que põe em xeque a religião cristã, que ela diz ter aceitado como sua, quando pede em nome dela, mas não é atendida pelos escravagistas cristãos, o que mostra um sistema escravagista em simbiose como o cristianismo. Na carta, a religião é sua válvula de escape. Distorce sua ousadia de escrever para a autoridade política, o senhor governador, ao escrever em nome das necessidades religiosas de se confessar e batizar, que são maiores por serem questões do espírito cristão.

Talvez porque sua razão branca cristã tenha uma história descolada do corpo. Mas Esperança Garcia é letrada, domina a técnica da escrita e inaugura um gênero de escrita. Escreve o que considera ser a primeira carta petição. Trata-se de uma mulher preta no período escravocrata usando a escrita e a religião do branco para expor as contradições dos mesmos, quando se tratava dos benefícios destas para o povo preto. Não adiantava dominar a ciência da palavra escrita, se converter ao cristianismo, quando o "defeito" estava na pele, no corpo preto, em ser o outro. Aquele a quem foi ensinado a temer e a odiar. Ela expõe a ferida racial.

Deste modo, Esperança Garcia, que trabalha desde o sistema escravocrata, e que mesmo com todas as tentativas colonizadoras de objetivação repassou e produziu cultura africana, fez política, fez guerra, fez ciência. E os meninos e meninas descendentes da mulher Esperanças Garcias são reencantadas em tempos espaços diferentes, mobilizando saberes e estratégias da ciência e da religião para praticar o proibido: como escrever/contar suas histórias, reinventar seus mitos ancestrais e conquistar liberdade.

Assim, Esperança Garcia atravessa as fronteiras do fazer e do pensar, do trabalho e do lazer. Seu corpo é híbrido e pode ocupar as mesmas funções exercendo-as no mesmo tempo espaço do cotidiano. Como afirma Certeau (1994, p.91) "[...] o corte não passa agora entre os trabalhos e os lazeres. Essas duas regiões de atividades se homogeneizam." Ainda, de acordo com esse autor (1994, p. 92) as táticas e as "maneiras de fazer" criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes.

Ao refletir com base em Bakhtin, a heroína negra surge como um grande corpo feminino preto, integrado e em ação com o mundo pelo trabalho, pela cultura, pela vida e pela morte. O corpo feminino como cronotopo do encontro entre diversas mulheres e mitos de ancestralidade africana. É assim que, buscando entender esse grande corpo feminino no tempo espaço, conheço mami wata, a grande mãe da cultura de muitos povos africanos, e depois chego a Kianda, que seria uma mai wata de Angola. A cultura africana - grande e fértil, mas deslizante e fluída como a água - que torna-se poderoso solvente para não desaparecer na narrativa da cultura ocidental. O corpo de Kianda se confunde com as próprias águas que agregam e realizam processos de condensação e fusão das narrativas sobre o protagonismo feminino: ora sendo branca, ora preta ou negra; ora tendo cauda, e ora apresentando-se em corpo de mulher; ora sendo apenas cores, movimento das águas. Apesar da religião ocidental e da colonização em território africano, em Angola "A Kianda participa do imaginário, da religiosidade e, conseqüentemente, da história do povo angolano [...]" (MACÊDO, 2016, p.123)

3 OS ESPÍRITOS DAS ÁGUAS AFRICANAS E SUA DIÁSPORA

A sereia preta tem o corpo híbrido, é uma mulher metade peixe e metade humana. Sua contradição narrativa nasce do encanto/sedução pela voz/, encanto pela corpo-cauda e sua cisão voz/corpo. Segundo Carvalho (1989, p. 284) o signo sereia é uma tradução que o colonizador europeu faz de Kianda.

As yandas são como nós, cativam-se por nós, estão entre nós, e, finalmente, velam por nós e pelas águas. Há quem as tenha visto. Há mesmo quem tenha visto as cidades inteiras onde habitam. Uma infeliz - do ponto de vista cultural - e generalizada tradução portuguesa do vocábulo kyanda como "sereia" (referem-se ambos os termos a seres "fantásticos", habitantes das águas) é talvez responsável pelo fato de alguns testemunhos as descreverem com cabelos longos > lisos, gente da cintura para cima, peixe do ventre para baixo. Mas não: | as "sereias" são como as pessoas, andam calçadas mesmo, podem até usar "quedes". O que se vê normalmente, porém, não são mais **que sinais delas, luzes, lençóis de luz debaixo das águas, fitas, fitas de muitas cores.** (Grifo meu)

Na cultura ocidental moderna, o encanto da sereia está no estereótipo do corpo branco feminino sexualizado, apesar de não possuir o que Bakhtin(1993) chama de o "baixo" ventre, que é representado por uma cauda. Porém, pode vir a ser um corpo completo quando está fora da água. Mas a arte da sereia de encantar, que vem da boca que canta, é transferida para a beleza da estética corporal, que funciona para seduzir e atrair o sexo oposto e reproduzir. Assim, mantém-se concepções como: corpo belo reduzido ao ocidental, mulher reduzida ao corpo "belo", corpo como a fonte da perdição masculina, corpo feminino como traíçoeiro, corpo feminino como o lugar da morte do homem e do pecado.

As narrativas e os mitos se aproximam. A mãed'água e a Kianda têm um forte vínculo com as crianças, com a voz potente comunicadora de sentimentos. As duas apresentam uma estética corporal que ora se aproximam ora se distanciam, porém não deixam de ser traduzidas também enquanto as sereias da cultura ocidental. Segundo a pesquisadora maranhense (FERRETI,200, p. 47)

Acredita-se que a Mãe d'Água (sereia de água doce) exerce um magnetismo sobre as "crianças inocentes", de até 7 anos, principalmente sobre as que não foram batizadas, pois ela pega criança pagã. Deste modo, no interior ou na área rural, quando uma criança pequena desaparece, suspeita-se logo da Mãe d'Água. E, na cidade, quando uma criança que ainda não foi batizada tem pesadelo ou convulsão, aparece sempre alguém afirmando que isso é coisa de Mãe d'Água e procurando batizá-la de emergência, com a água do banho.

A Sereia, a Kianda e Maed'água estão no cotidiano das crianças, povoando seu imaginário e suas narrativas, agindo na compreensão do mundo e produzindo sentidos e identidades. Na escola de educação infantil, Jardim Cirandinha, em que

começamos esta pesquisa, a sereia preta e a mãe d'água são acionadas pelas crianças para entender e reinventar a morte da heroína preta Esperança Garcia. Corpo e palavra juntos traduzindo o mundo, produzindo sentidos outros.

Desse modo, como diz Anzaldúa, é preciso reapropriação da nossa carne, do nosso corpo, dos saberes esquecidos soterrados nele. E eu escolho mergulhar com meu corpo neste corpo da mãe d'água, mergulhar nas águas, bem fundo, onde não há luz, reabilitando o corpo dos sentidos que estão em interação com o mundo para andar melhor nas águas, para compreender como se ganha mais fôlego para ir mais fundo e passar mais tempo imerso. Movimentando-me pelos diversos caminhos que a água me proporciona, para retomar memórias soterradas, mitos femininos ancestrais esquecidos. É preciso revirar as camadas das diferentes culturas, dos diferentes espaços tempos e acontecimentos reais e imaginários que nos constituíram. É nesse movimento de mergulho que retomo memórias que habitam e entram em mim pelas janelas do ouvir, antes mesmo de aprender a ler.

Foi no útero preto das águas do rio São Francisco que nasceu Nossa Senhora da Aparecida, a santa que nasceu branca (Nossa senhora da Conceição). [3]Mas nas águas dos rios São Francisco ficou preta, foi achada pelos pescadores. Dentre seus milagres, está o de romper as correntes de um homem escravo que estava de joelhos e acorrentado rezando para a ela (ALVAREZ, 2017).

A Santa preta, de corpo minúsculo e que chamou atenção dos pescadores, foi criando fama até chegar ao posto de padroeira do Brasil. Segundo (Alvarez, 2017, p. 13), Aparecida começa a ser cultuada quando o "Brasil começava a construir sua identidade e precisava de tudo, inclusive de uma santa". A santa nasceu senhora da Conceição, branca e portuguesa e renasceu preta e brasileira. Narrativas imbricadas de estratégias políticas e de identidade popular. São muitas as histórias aos nossos ouvidos até os dias atuais, por causa da tradição oral (ALVAREZ, 2017), elas contam o nascimento e renascimento, nas águas do rio São Francisco, da Santa Preta brasileira e Padroeira do Brasil devido seus muitos milagres vindos da tradição oral. O que minha carne negra, sangue de mulher preta, tinha empurrado pro fundo do estômago, tinha soterrado na dormência da carne. Soterrei sob o argumento da razão de que não passava de experiência do corpo que é falho, que é pecador, que é erra. Meu estômago embrulha ao encontrar as palavras de Anzaldúa (1987), não é nojo, ele estar cheio de vontade de jogar pra fora toda tradição do silêncio feminino que a mexicana diz que devemos superar. Meu ventre embrulhado não será mais depósitos de palavras, de memórias, será ventre onde elas germinarão e sairão para o mundo. "I will no longer be made to feel ashamed of existing" [4]Anzaldúa (1987, p. 81).

Anzaldúa (1987) retoma os mitos femininos astecas para entender sua ancestralidade, seu corpo ligado a terra, para sair da extremidade morte/vida em que sente seu corpo e entendê-lo como um fazer história, produzir sentidos, seus sentidos femininos enquanto asteca, mexicana, americana, indígena. Coatlicue é a deusa que agrega o bem e o mal. "Coatlicue da luz a todo y a todo devora. Ella es el monstruo que traga al sol cada tarde y le da luz cada mañana." (ANZALDÚA, 1987, p.68). Coatlicue, como os mitos de matriz africana, agrega a dualidade, não é a oposição ela é dia e noite, ela também não é uma síntese dos contrários é pra desse entendimento que nós com antepassados indígenas e pretos precisamos compreender para entoar melhor a nossa, para dizer a nossa voz feminina e potente como o canto das kiandras, a escrita de Esperança Garcia.

Coatlicue assim como outros mitos negados pelo colonialismo cristão passara por um processo de retradução cultural. Anzaldúa (1987) vai associar a Deusa a Santa Católica, Nossa Senhora de Guadalupe, a santa morena, a virgem que zela pelos mexicanos. Segundo a autora, a influencia de Guadalupe no México é devido aos ritos populares e não à tradição romana católica. O corpo híbrido, o corpo do sincretismo religioso, da sobrevivência cultural e material, das táticas que desobedecem a lei imposta, que não deixa definir por elas que criam outros lugares, entrelugares de existência. Histórias ditas, contadas, guardadas na heterogeneidade, impossíveis de serem apenas ocidentais, apenas uma só coisa. E de ser contada e compreendida numa narrativa linear ou numa só narrativa. A trajetória dos mitos femininos presentes neste texto, como diz Certeau (1994, p.97), "[...] circulam, vão e vem, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida."

Segundo Nascimento (2017): Na obra Xitu, Vozes da senzala, há uma incorporação da denominação sereia para os "gêneos da natureza" do imaginário Kimbundu Kianda e Kitutas. Para este autor (2017, p. 01):

[...] demonstrando um entrelaçamento entre os universos locais e europeus, e a incorporação, por parte dos primeiros, de denominações (imaginários e valores) do colonizador europeu, trazidos, sobretudo, pelos missionários cristãos. De acordo com Peter Geschiere (2006), em suas análises sobre feitiçaria e modernidade nos Camarões, os novos imaginários ligados a feitiçaria não expressam apenas algum tipo de saudade por um passado dito tradicional. Pelo contrário, sua própria ambiguidade, que expressa ao mesmo tempo o "horror" e a "fascinação" pelas novas oportunidades que surgiam, ressalta o esforço despendido para lidar com as mudanças modernas.

Esse movimento de Kianda entre as águas de África, de Europa e de América é feito com resistência e protagonismo da figura do feminino que se mantém vivo e inventor de identidades híbridas, deslizantes e contextualizada com as identidades locais, mantendo cordão umbilical com as identidades africanas e da tradição literária oral. Elas mantêm-se vivas, conectando-nos à natureza e ao ser feminino e suas potencialidades de tradução e transformação. O elemento água e seus mitos agregam vida, arte e ciência no corpo. Água e corpo feminino pelos mitos tornam-se uno, e agregador de supostas diferenças e oposições de narrativas ocidentais, lá se nasce e se morre, se dá e se tira.

Diante disto, questiono: é no corpo feminino da mãe negra, na tecnologia das suas entranhas que começa a "toldagem" do "sangue azul"? O ventre preto e o leite materno feminino povoando o mundo com variáveis tipos de nuance de cor preta e combinações de sangue preto? O corpo questionando a sua negação, ficção-utilitária e ou religiosa cristã e o dualismo ideológico da razão homogênea do Ocidente?. Ele é negado com a implantação do cristianismo no velho mundo, objeto imóvel do milagre cristão, do pensamento racional que o destitui do poder científico de transformação, concebendo como objeto de milagre divino ou objeto de estudo.

E pensando assim, como ficaria Maria, mãe do Cristo removido para o Ocidente? Inicialmente concebida como receptáculo de Deus, que fez-se espírito santo para ocupar o corpo e metamorfosear-se em Cristo – um Deus feito carne/sangue entre outros humanos. O corpo negro de Maria[5] serviu para que o espírito santo, ser de luz, operar-se. O homem operando milagres num corpo objetivado. Ou foi Maria quem operou ciência/milagre no seu ventre ao transformar um Deus em um homem de carne e sangue? Pois, pensando com Bakhtin (1997, p. 143) "o próprio Deus teve de encarnar-se para amar, sofrer e perdoar, teve, por assim dizer, de abandonar um ponto de vista abstrato sobre a justiça." Ela engole, digere e metamorfoseia a razão e o homem branco. Ele não é destituído de razão, produz voz, história e movimentos. Seu ventre é máquina do trabalho que constrói extensões de si. É o corpo do fazer, do servir o outro, tornando-se ele próprio a tecnologia da extensão humana que quer poupar esforços e tempo e faz do outro a extensão do seu braço, das suas pernas. Aqui o corpo do servir fazendo-se tecnologia, milagre ocidental, mas sendo codificado enquanto objeto.

Porém, para Bakhtin, o corpo é lugar de transformação, assim como a comida e a bebida que entra por sua boca. Ele transforma e é transformado pelo mundo em interação pelo auto e baixo ventre. Segundo Bakhtin (1993) O grande corpo da idade média era inseparável do mundo, ele era parte da terra, um corpo popular e coletivo em interação com o mundo.

Para autor (1993) a boca traga e devora o mundo. É o som, o grande autor da palavra, da palavra dita, gritada na praça pública, nos pregões de Paris. Esses acontecimentos entram num processo de desaparecimento à medida que a escrita vai tornando a voz algo mais e mais restrito à subjetividade de cada um.

3 MITOS ANCESTRAIS FEMININOS E A HISTÓRIA DAS MULHERES PRETAS HEROÍNAS NO BRASIL

As águas nos movem e nós nos movemos dentro delas. Os mitos das águas: sereia pretas, Kianda, mãe d'água, Nossa Senhora da Aparecida nos convidam ao mergulho dentro de seus corpos, que são as próprias águas, que estão diluídas. Mergulhar na palavra dita e até vê-la. Como diz Freire (1978), palavra se ouve e se vê na expressividade do corpo em educação libertadora. Palavra e água não podemos aprisionar com as mãos, mas tocá-la, senti-la. É a palavra fazendo-se água, mitos, construindo identidades e nos convidando a conhecer nossa ancestralidade

Um história esburacada, como se tivéssemos perdido parte da memória. Nosso passado é só o passado ocidental branco? Esperança Garcia nos mostra que a história do preto não interessa aos donos da cultura ocidental. Não é porque não seja interessante. Os meninos brancos ouviram muitas histórias de pretos e gostavam, eram ninados, acalentados, seduzidos por ela. A histórias da diáspora eram perigosas para a estrutura escravocrata, porque rachavam por dentro as correntes da prisão. Elas traziam os modos de conhecer, sentir, pensar da nossa ancestralidade africana e indígena. Não podiam ser escritas. Mas como Ulisses, o colonizador, desconhece aquele que deseja vencer e dominar.

A cultura africana e indígena é de base oral, assim como já foi a ocidental, como salienta Bakhtin e outros autores. A escrita ocidental desenvolvida guardou e preservou as reflexões de seus filósofos, e as guardou via tecnologia escrita por haver um valor em torno destas. Porém, não quer dizer que civilizações que optaram axiologicamente e politicamente por outros modelos de manutenção e preservação de seu pensamento, às vezes inscritas em outros signos diferentes dos ocidentais ou guardadas pelo próprio corpo, tenham menor valor. O corpo aqui, além de dizer a palavra, também é o guardião delas. "Filósofos africanos passaram por processos de observação, raciocínios e reflexões antes de obterem ideias, perspectivas e visões de mundo transmitidas para nós através de máximas, contos, mitos, organizações sociopolíticas, doutrinas religiosas, etc." (OMOREGBE, 2007, p.07).

Nas narrativas angolanas, Silva e Freire (2016, p. 156) encontram:

A figura do contador de histórias; herdeiro da tradição dos griôs, ele transmite, em suas narrativas, conhecimentos acumulados pela tradição. Esse papel é exercido pelos "mais velhos" [...] Assim a valorização da tradição oral, na África [...] A palavra imprimida na oralidade transporta a herança de um povo. Os seus mais velhos contam as histórias escutadas enquanto jovens dos seus antepassados. Desse modo, a representação literária africana sobre os mais velhos surge como resistência cultural.

A oralidade vivida pelo corpo na tradição africana é relatada por Freire (1978, p. 63) quando ele está participando do período de luta de libertação de Guiné-Bissau:

Em dado instante, um a um, começaram os cinco a falar. De modo geral, ricos no uso de metáforas, de gestos, com os quais sublinhavam suas afirmações. Referindo-se às violências dos colonialistas, um deles curvava-se e recurvava-se para encarnar a palavra com que descrevia os maus tratos recebidos. Andava de um canto a outro, dentro do círculo de sombra em que estávamos, com diferentes movimentos corporais para expressar melhor um ou outro aspecto da história que contava. [...]

Paulo Freire escreve que nenhum dos homens africanos falou estaticamente "dissociando a palavra de seu corpo. Nenhum disse sua palavra para que fosse apenas escutada. Na África, a palavra é também para ser "vista", envolvida no gesto necessário." (FREIRE, 1978, p. 63)

Freire (1978) faz uma crítica aos intelectuais intelectualizados que mostram somente a visão de mundo do ocidente que se desenraizam de suas tradições e adormecem seus corpos, revelando medo, vergonha ao usar "seu corpo, no processo de sua expressividade" (FREIRE, 1978, p. 63). A educação libertadora de Freire passa por nossos corpos, não devemos esquecer deles ao dizer a palavra que vem dentro do mesmo, não dá pra separar som de cada palavra da reação do corpo que a produz e escuta ao mesmo tempo. O pensador brasileiro (1978, p. 63) continua "E enquanto os via e os ouvia falando com a força de suas metáforas e a ligeireza de movimentos de seus corpos, pensava nas possibilidades inúmeras que se abrem, com essas fontes culturais africanas, a uma educação libertadora."

É preciso mergulhar para ver além dos signos elaborados à revelia da coisa nomeada. Mergulhar em busca da sereia preta, aparentemente sem história. Para saber dela, pela sua boca, para saber da gente mesmo. Por isso, neste estudo, mergulho. E, ao mergulhar nas águas amareladas do Rio Munim que me pariu, fecho os meus olhos, pois no fundo das águas não há luz. Quero aprender a sentir, conhecer por outros sentidos, outros orifícios do corpo que nos comunicam com o mundo, com a natureza. Volto-me para baixo, para as profundezas da escuridão da minha história. Como me fala Freire, retome sua infância seu espaçotempo que a começou o seu movimento, compreendendo o que é o ato de ler o mundo, neste agora em que escrevo, me reviro, me recrio e reescrevo com história dos mitos ancestrais, com a história das crianças do Pre-II Jardim Cirandinha e suas mães e avós.

Um trabalho de mergulho nos tempos-espaços do corpo preto que me pariu que me alimenta. Mergulho nas águas doces do rio da minha infância - espaçotempo compartilhado com as crianças sujeitos desta pesquisa - e nas águas salgadas de agora. O que pode acontecer quando bebemos de todas as águas e as sentimo-las nos orifícios da pele, sistema aberto no mundo? A consciência de ter que juntar pedaços de histórias para poder contar histórias das nossas heroínas negras.

Assim o mergulho nas águas, como movimento de reflexão/prática na pesquisa, para experimentar um corpo híbrido que se nove em terra firme, mas que também faz o mesmo nas águas, embora com mais dificuldades, por não explorar essa potencialidade, um movimento fluído pela liberação enrijecida do corpo/subjetividade colonizados. O movimento de tencionar e remendar nossa memória ancestral com a dos irmãos/irmãs, com os mais velhos e com os demais, uma polifonia de vozes. Como diz Bakhtin "uma consciência nunca se basta por si mesma, mas está em tensa relação com outra consciência." (BAKHINT, 2011, p 26).

Fechar os olhos que não nos servem na profunda escuridão das águas dos rios e explorar o corpo de escuta, espaços de enunciações de cultura oral. Sensibilizar e desentupir nossos ouvidos da cera da razão de Ulisses e ouvir melhor os mais velhos, as crianças que levam para escola a riqueza destas histórias, que tencionam nossas memórias soterradas pela

“história única” (CHIMANANDA, 2009). E quem sabe assim pensar e construir uma escrita científica descolonial, feminina e negra. Estar no movimento das águas para, como diz Freire sobre a construção da nossa consciência no mundo e em si numa relação com o outro, que por está nessa relação é inacabada e em movimento (FREIRE, 1997)

Assim penso as águas como as entranhas do mundo, como movimento e capacidade de metamorfose constante - que se associa aos seres das águas e da terra - que agrega as diferença e as contradições que nos seduz pelo som pelo movimento que me leva a uma metodologia científica do mergulho, pensada a partir de Bakhtin e seus estudos sobre Gargantua de Rabelais, de Nilda Alves Alves (2008a; 2008b) que escreve sobre o “movimento do mergulho” como uma necessária tensão da experiência epidérmica, subjetiva e racional. De [...] múltiplos sentimentos, valores e processos vivos[...]” (OLIVEIRA E NILDA, 2008, p.10)

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. e SILVA, Maurício Roberto. Apresentação ____.(Orgs.). **Corpo Infância:** exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALVAREZ, Rodrigo. Aparecida: **a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil.** 2 ed. São Paulo:Globo, 2017.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidiano das escolas sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro: DP et Alíi, 2008a.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisa nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas- sobre redes de saberes** . Petrópolis: DP et Alíi, 2008b

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. **AS REPRESENTAÇÕES DE MARIA MADALENA, NA PERSPECTIVA BÍBLICA E CONTEMPORÂNEA.** 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões Mestrado em Ciências das Religiões, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/cleum/OneDrive/Documentos/Área%20de%20Trabalho/maria%20madalena.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

CHIMANANDA, Adich. CONFERÊNCIA ANUAL - TED GLOBAL 2009 - DE 21 A 24 de JULHO. A Essência das Coisas Não Visíveis. OXFORD, REINO UNIDO. TEMA: Disponível em: https://www.geledes.org.br/chimamandaadichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/?gclid=EAIaIQobChMIpYWj_PK2gIVvwmRCh1afgVsEAYASAAEgKI3fD_BwE

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** 6 ed. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média** . 2 ed. São Paulo:Editora da universidade de Brasília, 1993.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal.** 2 cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)

CARVALHO, Ruy Duarte de. Ana A Manda. **Os /il/ios da rede. Identidade coletiva, criatividade social e produção da diferença cultural:** um caso muxiluanada. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Maranhão encantado:** encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Ed., 2000.

FREIRE,Paulo. **Cartas à guiné-Bissau.** 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

_____. **A importância do Ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2009

KAFKA, Franz; TERRA, Chao da (Comp.). **Caderno de leituras n. 70:** silêncio da sereias. 2017. Disponível em: <<https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/06/cad-70-kafka-1.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo:N-1 Edições, 2018

OMOREGBE., Joseph I.. **Filosofia Africana:** Ontem e Hoje. 2019. Traduzido por Renato Nogueira. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/20704791-Filosofia-africana-ontem-e-hoje-i-joseph-i-omoregbe-traducao-renato-nogueira-jr.html>>. Acesso em: 05 jan. 2019

QUINTO, Maria Edneia Gonçalves. Como se fosse brincadeira de roda: um giro pela liberdade em Adorno e Horkheimer. VASCONCELOS, J.G.; PINHEIRO,A.; ATEM, E. **Polifonias: vozes, olhares e registros na filosofia da educação.** Fortaleza: UFC, 2005

SILVA, Ana Cristina da; FREIRE, Anna Isabel Santos. AVÓS DE ANGOLA. PANTOJA, Selma, BERGAMO, Edvaldo e SILVA, Ana Claudia da (Orgs.). **ANGOLA E ANGOLANAS: MEMÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA** Sao Paulo: Intermeios, 2016. 220 p. (153-161)

MACÊDO, Tânia. Apontamentos sobre a Kianda de Luanda. PANTOJA, Selma, BERGAMO, Edvaldo e SILVA, Ana Claudia da (Orgs.). **ANGOLA E ANGOLANAS: MEMÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA** Sao Paulo: Intermeios, 2016. 220 p. (153-161)

ROSA, Sonia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta** . Ilustração de Luciana Justiniani Hees. Rio de Janeiro: Pallas, 2012. 40p

[1] Como diz Para Mbembe (2018, p. 31) o discurso europeu, erudito ou popular, “na maneira de pensar, classificar e imaginar os mundos” comumente recorreu a “procedimentos de fabulação”.

[2] Palavra típica da fala Maranhense

[3] Um escultor por volta do século XVII esculpiu em madeira com dois palmos de altura a santa Nossa Senhora Maria da Conceição, mais uma entre tantas, a santa quebra-se e como santo quebrado é certo o “ mau agouro” ela foi “jogada nas águas do rio”. (ALVAREZ, 2017, p. 27)

[4] Eu não sentirei vergonha da minha existência (tradução minha)

[5] Porém Maria, é canonizada pela culto popular dos deuses pagãos. Ela que pare Cristo e o alimenta, pouco tem sua história contada no livro cristão, o que é estranho uma vez que as narrativas de Cristo é de santo que ora e outra está com mulheres questionando padrões de comportamento feminino e regras morais em relação ao corpo. É para Madalena e depois para Maria quem Cristo primeiro mostra seu corpo ressuscitado. (CARVALHO, 2009).As duas mulheres, apesarem do silencio sobre sua história mantiveram e metamorfosearam-se e foram metamorfoseadas nas culturas religiosas diversas, tornando-se as intesectoras entre o humano e o divino.